



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CAMPUS III GUARABIRA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ADYJA GRACIELE LIMA DOS SANTOS SILVA**

**DISCURSOS CONSTRUÍDOS – IMPRESSÕES SOBRE O CENTRO DE  
CANDOMBLÉ YLÉ AXÉ OYA FUNAN OJUCINAN**

**GUARABIRA – PB**

**2012**

**ADYJA GRACIELE LIMA DOS SANTOS SILVA**

**DISCURSOS CONSTRUÍDOS – IMPRESSÕES SOBRE O CENTRO DE  
CANDOMBLÉ YLÉ AXÉ OYA FUNAN OJUCINAN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação **Licenciatura Plena em  
História** da Universidade Estadual da Paraíba,  
em cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Bacharel/Licenciado em História.

Orientador (a): Ms<sup>a</sup> Naiara Ferraz Bandeira  
Alves

GUARABIRA – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S587d Silva, Adyja Graciele Lima dos Santos

Discursos construídos – impressões sobre o centro de candomblé Ylé Axé Oya Funan Ojucinan / Adyja Graciele Lima dos Santos Silva. – Guarabira: UEPB, 2012.

22f.

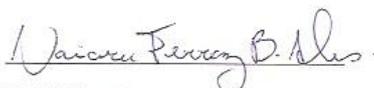
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

ADYJA GRACIELE LIMA DOS SANTOS SILVA

**DISCURSOS CONSTRUÍDOS – IMPRESSÕES SOBRE O CENTRO DE  
CANDOMBLÉ YLÉ AXÉ OYA FUNAN OJUCINAN**

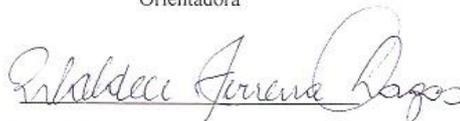
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação **Licenciatura Plena em  
História** da Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento à exigência para obtenção do grau de  
Bacharel/Licenciado em História

Aprovada em 28/11 /2012.



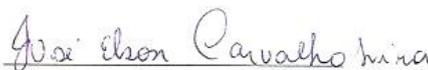
Profª Msª Naiara Ferraz Bandeira Alves / UEPB

Orientadora



Prof. Drº. Waldeci Ferreira Chagas/ UEPB

Examinador



Prof. Ms. José Elson Carvalho de Lira / UEPB

Examinador

# DISCURSOS CONSTRUÍDOS – IMPRESSÕES SOBRE O CENTRO DE CANDOMBLÉ YLÉ AXÉ OYA FUNAN OJUCINAN

SILVA, Adyja Graciele Lima dos Santos

## RESUMO

Este estudo foi realizado através de entrevistas referentes ao terreiro de candomblé *Ylé Axé Oya Funan Ojucinan*, na cidade de Mari-PB, cujo grupo é composto por pessoas de camadas sociais, formações culturais, idades e níveis escolares distintos. Trata-se de uma religião de matriz africana, que tem como objetivo o culto às forças da natureza, chamadas orixás. Inicialmente motivado por curiosidade quanto a religião, e por perceber que a mesma é vítima de preconceitos, este trabalho busca conhecer um pouco mais do candomblé, bem como o que ele representa para a comunidade na qual esta o terreiro está inserido. Primeiro foram feitas algumas visitas de observação ao terreiro, assim como aos frequentadores do local e a comunidade, e, posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo com 14 moradores da vizinhança do centro, que responderam a um roteiro de entrevista semi-estruturado sobre suas opiniões a respeito do candomblé, como eles vêem esta religião de matriz africana, a relação do entrevistado com tal religião, se participam desta religião, entre outras. Os dados coletados foram sistematizados e analisados, verificando-se que o candomblé gera um bem-estar entre seus membros e certo preconceito e medo entre a população sem informação a respeito desta. Este trabalho teve como objetivo analisar o que o candomblé representa para a comunidade que o rodeia, suas aspirações e anseios em relação a religião.

**PALAVRAS-CHAVE:** religião, candomblé, comunidade.

## ABSTRACT

This study was conducted through interviews regarding the yard of Candomble YLE Axe Oya Funan Ojucinan, in the city of Mari-PB, whose group is comprised of person social classes cultural training, different ages and school levels. It is the parent the religion of Africa, which has as objective cult to force the nature deities calls. Initially motivated by curiosity as religion, and perceives that it is victim of prejudice, this work search know um bit of Candomble, well as what he posed to the community in which this center is housed. First foramen done some visit to observation yard, so as to goers of place and community, and later was made u research field with 14 followers, answered a route of semi-structured interview about their impressions with respect to the Candomble as they see this African religion, relation with the same participate of this religion, among others. The collected data foramen systematically and analyzed, checking out the religion generate the well-being among its members and certain prejudice and fear among population without information with respect to the subject. This worked had as objective analyze what Candomble accounts for the rodeo community, their aspirations and yearnings into relation over he.

**KEYWORDS:** religion, candomble, community.

## **Discursos construídos - impressões sobre o Centro de Candomblé**

*Ylé Axé Oya Funan Ojucinan*

“As religiões são como sistemas de práticas simbólicas e de crenças relativas ao mundo invisível – não se constituem senão como formas de expressão profundamente relacionadas às experiências sociais dos grupos que as pratica”.  
(Ortiz, 1991)

Nosso artigo tem como objeto de estudo as entrevistas concedidas pelos populares que moram no entorno do centro de candomblé *Ylé Axé Oya Funan Ojucinan*, e pelo seu fundador o Sr. Ronaldo. O Centro fica localizado na cidade de Mari-PB, na Rua Santos Dumont e possui 12 anos de existência. Como moradora da cidade percebi que além de uma curiosidade natural sobre este espaço existia a necessidade de registrar parte da história e da prática do Candomblé no município de Mari, assim como a história local política, econômica e social deve ser preservada e trabalhada, as práticas culturais, entre elas a religião deve ser objeto de estudo dos pesquisadores. O nosso interesse particular sobre a temática se desenvolveu por uma curiosidade fomentada ao longo dos anos, como moradora da cidade, e em conhecer o cotidiano das práticas religiosas deste culto, até então perto, mas tão distante do meu dia-a-dia. Através de entrevistas, como citamos anteriormente, procuramos descrever desde o processo de fundação do Centro às particularidades da prática do culto, além de analisar como a população que mora próximo ao centro se relaciona e vê o Candomblé.

Em nossas entrevistas tratamos da religião e do cotidiano deste grupo, por isso identificamos na História Cultural os espaços necessários para analisar um discurso construído em relação ao dia-a-dia, buscando nas histórias contadas identificar/resgatar emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, ou seja, trabalhar com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. Segundo Pesavento (2005) “sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do

espaço construído”. (p.58). O termo cultura<sup>1</sup> aparece como uma forma de condensar toda esta pluralidade de conceitos, já que entendemos que esta seja uma forma de expressão e tradução da realidade, considerada também como um fator de caracterização social.

Trabalhar com História Cultural exige, por parte do historiador, muita leitura acumulada para poder fazer uma boa interpretação em cima dos dados encontrados, propondo versões possíveis para o acontecido. É importante salientar que neste tipo de pesquisa há o risco do envolvimento direto do historiador, seus posicionamentos e opiniões pessoais devendo na medida do possível ser mantidos à parte, contudo salientamos que a própria escolha do tema a ser trabalhado já identifica grande parte de nossas perspectivas e de nosso lugar social.

Conjuntamente com a História Cultural, trabalhamos com a História das Religiões, pois segundo Alves (2006), “A história das religiões seria uma ‘filha’ legítima da história cultural; antes dela a história das mentalidades já tinha colocado à disposição do historiador temáticas que circulavam pela religião” (p. 25). Assim como a cultura, a religião é uma das responsáveis por descrever as sociedades já que sua influência sobre a sociedade humana se exerce desde os primórdios da humanidade, pois é através dela que primeiramente se buscou a origem e o sentido da vida. As religiões praticadas pela população variam de acordo com sua localização, seu modo de vida e principalmente por sua cultura. Podemos encontrar muitas crenças e filosofias diferentes quando falamos em religião, bem como semelhanças entre elas, como a crença no sobrenatural que envolve deuses, anjos e demônios.

Segundo Inácio Strieder (2002), as manifestações culturais estão diretamente ligadas às manifestações religiosas, ou seja, é a religião que produz a cultura. Entretanto, apesar de todas as culturas terem a dimensão da sacralidade, aquilo que é ou não sagrado se modifica de uma para outra, ou seja, se a noção do sagrado é universal, os elementos relacionados culturalmente à dimensão do sagrado são criados, simbolizados e representados de formas diferentes dependendo do contexto cultural.

Portanto, ao analisarmos os conceitos de História Cultural e História das Religiões, percebemos que os termos têm uma forte ligação entre si, e que é quase impossível falar de religião sem abordar a cultura.

---

<sup>1</sup>Trabalhamos com o conceito de cultura desenvolvido por Roque Laraia (2001), onde a cultura é algo mutável que se desenvolve por questões internas (presentes no próprio sistema de organização de uma sociedade ou grupo específico) e por fatores externos (que promovem alterações nas práticas de diversos grupos lentamente ou de forma abrupta.)

Como metodologia, para o desenvolvimento de nossa pesquisa, selecionamos a História Oral que nos possibilitou recolhermos fontes para que analisássemos o discurso de uma pequena parte da população da cidade de Mari que vive no entorno do centro, deixamos claro que poucos populares quiseram contribuir para o trabalho. A História Oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas induzidas, estimuladas e gravadas, com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modo de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

A coleta de dados, ou seja, as entrevistas, foram utilizadas para interpretação e conhecimento das experiências em relação ao candomblé e as diversas práticas culturais abordadas neste texto. A escolha desta fonte foi embasada na afirmação de Alberti (2006): “A História Oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (p.164). Ou seja, esta metodologia visa estudar o comportamento da sociedade para ampliar o conhecimento sobre experiências e práticas desenvolvidas, registrá-las e difundi-las entre os interessados.

Como toda fonte utilizada para pesquisa, a História Oral necessita de interpretação e análise. Isto começa a ser feito já no momento em que se escolhe o entrevistado, pois ao escolhermos estaremos lhe dando relativa importância frente à pesquisa realizada, ou seja, uma oportunidade de perpetuação de uma memória sobre o passado no qual ele demonstrará seu ponto de vista a partir de sua vivência e experiência de vida. Para tanto, é preciso considerar a entrevista como um todo, analisar as condições em que o entrevistado fala e, por vezes, o que deixa de falar. As palavras utilizadas pelo entrevistado também são importantes para a interpretação de sua narrativa, pois as palavras escolhidas expressam uma visão de mundo, sua formação e o meio social em que vive.

A qualidade da entrevista também depende do envolvimento do entrevistador, neste sentido, é preciso reconhecer a subjetividade do próprio entrevistador como a primeira manifestação do espírito crítico, pois todo historiador lúcido sabe até que ponto ele mesmo se projeta em qualquer pesquisa histórica. É fundamental atentar-se à neutralidade de reações, evitando demonstrar espanto, discordância ou concordância. O domínio do assunto pesquisado, bem como o vocabulário e terminologia são condições indispensáveis para se estabelecer um bom vínculo de confiança entre o depoente e o entrevistador.

Essas entrevistas foram guiadas por um roteiro específico, a fim de nos orientar nas perguntas a serem feitas, embora muitas vezes não tenhamos seguido a sequência de

perguntas fielmente, uma vez que determinadas respostas abriam espaço para o questionamento de outras já que se tratava de uma conversa mais informal, acerca de aspectos mais gerais, tais como organização interna do culto, adeptos e praticantes e etc.

## **2. Século XX: a legalização dos cultos afro descendentes no Brasil**

O Brasil era cenário de experiência para múltiplas religiões durante todo o século XX. A legalização de cultos africanos no Brasil só se deu a partir do fim da Primeira República e ganhou espaço já no fim de 1950. Antes disso, apesar da liberdade de culto estabelecida pela Constituição Republicana, os cultos africanos eram identificados como feitiçaria e enquadrados no crime de prática ilegal da medicina, neste processo de legalização foi importante o desenvolvimento do culto da Umbanda que por se aproximar do espiritismo, foi melhor recebido pela sociedade, em geral, do que o Candomblé, ainda assim se escondendo sob a rubrica de tendas espíritas.

Segundo Ortiz (1991), esta aproximação com o Kardecismo pertence essencialmente a Umbanda, mas sua prática logo foi conceituada como “baixo espiritismo”, como sortilégios, feitiçaria e curandeirismo, em contraposição ao “alto espiritismo”, reconhecido e protegido pela lei como religião de princípios nobres e praticada por pessoas de elevada posição na sociedade. Sinteticamente, as semelhanças entre as práticas afro-brasileiras de Umbanda e a Doutrina Espírita são: a comunicação entre os vivos e os mortos, admitindo ambas, por conseguinte, a sobrevivência à morte do chamado "espírito"; a evolução do espírito através de vidas sucessivas (reencarnação); o resgate, podendo ser pela dor e sofrimento, das faltas cometidas em anteriores existências; a prática da caridade. Por outro lado, as principais diferenças referentes aos cultos afros são a admissão de cerimônias litúrgicas como o batizado e o matrimônio, a presença de imagens e o emprego de plantas em seus cultos e a música dos pontos cantados para as entidades.

O Candomblé, religião a qual estamos estudando, não se trata de uma religião pura e simplesmente realocada geograficamente, mas uma adaptação no Brasil, do que foi um dia praticado na África e que tinha uma relação direta com os ancestrais de cada grupo ou família diferente que aqui desembarcava. Esta transformação na cultura religiosa acontece devido, em grande parte, à mistura de grupos africanos que foram traficados para a colônia portuguesa e pela proibição do culto africano nestas terras. Temos que prestar atenção, ainda, ao fato da cultura religiosa circular entre três grandes grupos: o indígena, o português e o africano.

Sendo o Candomblé, portanto fruto dessa pluralidade cultural desenvolvida desde os tempos da Colônia.

Consideramos relevante refletir sobre a importância da prática do candomblé no processo de resistência negra ao sistema escravista brasileiro e a formação de uma identidade do homem negro. Organizado hierarquicamente e com base religiosa, a fim de enfrentar a escravidão, o Candomblé se tornou uma instituição à qual o negro escravizado, fugido ou liberto, se dirigia para suprir algumas de suas necessidades. Os grupos de candomblé se reuniam em casas ou em sítios e eram espaços de sociabilidade<sup>2</sup> dos negros, um lugar onde podiam fazer seus cultos, enterrar seus mortos e onde davam ajuda aos que necessitavam dela; muitos escravizados fugidos buscavam ajuda do candomblé do qual fazia parte.

O desenvolvimento dos terreiros de candomblé<sup>3</sup> passou a se manifestar a partir do século XVIII. Nessa época, o crescimento dos centros urbanos se tornava um ambiente propício para que vários negros se reunissem e organizassem experiências religiosas mais estáveis e regulares. Foi nesse contexto que o candomblé deu seus primeiros passos rumo à consolidação de uma experiência religiosa identificável. E a partir de 1889, com a instituição da liberdade religiosa, os terreiros de candomblé foram sendo criados e dando forma aos rituais e crenças que o definiriam, funcionando também como meio de confraternização e socialização de vários negros.

A popularização dos cultos afro-brasileiros se espalhou além das fronteiras da Bahia e de Pernambuco. A mudança ocorreu também nas pessoas que praticam essas religiões. Antes, apenas negros ascendentes de escravizados faziam parte, mas nos anos 60 há uma mudança de pensamento e hoje não possui limitação de cor, raça, sexo ou idade.

Percebe-se, então, que é a partir da proclamação da República, e sua constituição logo depois estabelecida que se criaram as condições para uma sociedade pluralista e laica

---

<sup>2</sup>Esta sociabilidade ou convivência em grupo foi restrita ao homem e a mulher negra durante os séculos de escravidão e nas primeiras décadas após a libertação documental dos escravos. Os homens brancos tinham medo dos ajuntamentos de negros. Um dos lugares que encontravam esta liberdade era nas Casas de Candomblé, reconstruindo, ainda, laços familiares perdidos com o processo de escravidão.

<sup>3</sup>A história do primeiro centro de origem Nagô foi relatada na Bahia: no período da escravidão no Brasil, os negros formavam suas comunidades nos engenhos de cana. Na Bahia, princesas, na condição de escravas, vindas da África, fundaram um centro num engenho de cana. Depois se agruparam num local denominado Barroquinha, onde fundaram uma comunidade de Nagô, que segundo historiadores, remonta mais ou menos 300 anos de existência. Os africanos que se encontravam ali, lugar deserto naquela época, porém próximo ao Palácio de sua Real Majestade, tiveram receio da intervenção das autoridades no seu Culto, daí, resolveram arrendar terras e estabelecer o primeiro Terreiro de Culto Africano na Bahia.

que se desenvolveu ao longo do século XX, com a separação do Estado Republicano da Igreja Católica e a instituição do princípio da liberdade religiosa.

Além disso, muitos dos ascendentes de negros e índios criaram cultos sincréticos, em que o catolicismo coexistia com crenças e práticas que lhe eram estranhas. Crenças e práticas são selecionadas de fontes religiosas diversas de acordo com critérios de conveniência pessoal. Seleciona-se o que faz com que o indivíduo se sinta bem, que responda às suas dúvidas, ou mesmo que lhe convenha em termos de sua condição socioeconômica e nível de instrução.

A ideia de sincretismo pode ocorrer devido à prática de equivalência das divindades negras aos santos católicos, que dão a ideia de conversão. Esta forma de pensar o sincretismo, no Brasil, país escravista, que passou por um profundo processo de miscigenação, foi exposta pela primeira vez por Nina Rodrigues (1935), precursor dos debates sobre a aculturação, que, através de uma perspectiva culturalista, definiu diferentes graus de sincretismo. Já para Bastide (1973) “ao procurar entender o sincretismo entre orixás e santos, tem-se, inicialmente, a impressão de que o catolicismo é um disfarce e de que realmente seria a ilusão da catequese de que trata Rodrigues.” (p.33)

Atualmente, o candomblé envolve uma complexa organização de crenças e rituais. Os cultos, em torno de uma ordem de orixás e divindades intermediárias, realizam-se nos terreiros, que se tornam um mundo à parte para os participantes, com sua própria hierarquia, regras, calendário, língua e economia. Cada um deles é formado por vários cômodos. Num deles realizam-se as danças públicas dos fiéis, incorporados por suas divindades. Outro é o *peji*, onde orixás estão assentados e em que só entram os iniciados ou pessoas em certas condições de pureza, é neste espaço que se realizam as cerimônias secretas.

O Candomblé baseia-se no culto aos Orixás, deuses oriundos das quatro forças da natureza: Terra, Fogo, Água e Ar. Os Orixás são, portanto, forças energéticas, desprovidas de um corpo material. Sua manifestação básica para os seres humanos se dá por meio da incorporação. Aqui no Brasil são doze os principais orixás reverenciados nos cultos, cada um deles relacionados a um dia da semana, possuindo cores, saudações e comidas específicas, porém há milhares de orixás pelo mundo<sup>4</sup>.

O ser escolhido pelo orixá, um dos seus filhos/as, é chamado de *elegum*, aquele que tem o privilégio de ser montado, ele torna-se o veículo que permite ao orixá voltar a terra para

---

<sup>4</sup>Na tradição Yorubá, os orixás são entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum, uma das divindades da criação. Guiam a consciência dos vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. (REIS, 2005, p.31)

saudar e receber as provas de respeito de seus filhos/as que o evocaram. No candomblé são cultuados os deuses da natureza, e esses podem ser os orixás, os caboclos, os preto-velhos, os *exus* e as *pombas-gira*. Crê-se na sobrevivência da alma após a morte física e na existência de espíritos ancestrais que, caso divinizados, não se materializam; caso não divinizados, materializam em vestes próprias para estarem em contato com os seus descendentes vivos. Os espíritos são cultuados, nas casas de Candomblé, em uma casa em separado, sendo homenageados diariamente uma vez que, como *Exú*, são considerados protetores da comunidade. (PRANDI, 2000)

## **2.1 Casa de candomblé Ylé Axé Oya Funan Ojucinan: administração e organização.**

A casa de candomblé *Ylé Axé Oya Funan Ojucinan*, significa Deusa do Caminho, Rainha da Casa em yorubá. Fundada no ano 2000 pelo sacerdote conhecido como “*Pai Ronaldo*”.

A maioria no Candomblé é atingida quando o adoxu completa os sete anos de iniciação. O ritual de passagem que se processa é chamado de Obrigação de Sete anos (oyé ou deká). Nesse ritual o adoxu deixa de ser iaô e passa a ser um ebomi, que quer dizer irmão mais velho, e recebe o seu cargo (oyé): seja de sacerdote, seja de autoridade na comunidade. Um filho-de-santo quando reconhecido pela comunidade como um membro importante pode ser emancipado e assumir essas funções antes de completar sete anos, mas a obrigação não pode ser adiantada. Após essa obrigação, é de costume comemorar com mais 14 e 21 anos de santo, mas as obrigações de fato imprescindíveis depois da feitura são de um ano, três anos e sete anos; as subseqüentes são comemorações.

É obrigatório esperar o tempo correto para cada cerimônia, cumprindo assim todos os rituais de passagem – *Pai Ronaldo* estava pronto para exercer a sua função. Os demais integrantes também precisam de um longo processo de iniciação para que se tornem membros e cheguem a ter uma função dentro da casa. O ato supremo destes ritos consiste, como relata Motta (2002) na “consagração da cabeça do iniciando, por meio de cortes e incisões, do derramamento do seu sangue, que se mistura ao sangue dos animais”. (p.92)

Em entrevista o Sr. Ronaldo nos informa que para se abrir legalmente um centro de Candomblé, bem como qualquer outro local de culto religioso, a primeira coisa a fazer é o

registro em cartório e a retirada do número de CNPJ. Mesmo sendo uma instituição sem finalidades lucrativas, o CNPJ, Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica é necessário, bem como o controle fiscal/financeiro da instituição. É necessária a formação de uma diretoria, esta diretoria fará uma reunião/assembleia de inauguração, que ira definir os primeiros parâmetros e detalhes dos postulados que regerão a casa. Esta reunião, no papel, é a ata de abertura do centro, que juntamente com o estatuto irá ser registrada em cartório. Feito isso, redigido o estatuto que rege as normas e objetivos da instituição religiosa e registrado em cartório, já se pode entrar com o pedido do cadastro jurídico, o CNPJ.

O pai-de-santo nos relatou que no inicio foi muito complicado o processo de criação da casa, devido aos custos com o registro na federação, que garantiria a fundação, o diploma, e a licença para poder funcionar. A diplomacia do centro vem de João Pessoa, em Cruz das Armas, na Federação de Cultos Afro Brasileiros.

Com a entrevista conseguimos, ainda, outras informações sobre o funcionamento e cotidiano da casa: ao receber o título de sacerdote ou *babalorixá*, este se torna responsável pelo grupo que o seguiu, filhos-de-santo, mãe pequena, pai pequeno e passa a cuidar deles como filhos, ele é escolhido pelos orixás, terá que ter o dom, a capacidade e sabedoria, pois se não souber lidar com os orixás, nem com as entidades, ele não terá condições de continuar seus trabalhos. O *babalorixá* tem a função de manter o controle geral da casa, e os filhos estão ali para serem cuidados e se desenvolverem. Pai-Pequeno ou Mãe-Pequena são os segundos dentro da hierarquia de uma Casa de Santo. São os substitutos eventuais do *Babalorixá* ou *Iyalorixá*. Eles têm a função de orientar, educar, mostrar o melhor caminho aos filhos da Casa. O *Ogan* é uma figura importante dentro de uma Casa de Santo, pois ele atua como uma espécie de fiscal, ajudando na coordenação dos rituais. Temos também o alabê que toca e canta, têm as equedes, aquela que na gira cuida das pessoas quando elas incorporam o orixá, as iabas que cuidam da comida, da camarinha, são as zeladoras do orixá.

Com relação ao número de participantes do centro é certo que há épocas em que tanto aumentam quanto diminuem, pois, segundo *Pai Ronaldo* algumas pessoas sofrem decepções pessoais e relacionam isso com a prática da religião. Após um problema familiar, falecimento de algum parente, eles pensam que há uma relação direta com a prática do candomblé, ou seja, um castigo divino, e se afastam da casa. Mesmo assim, é preciso ter o cadastro dos filhos, a quantidade de pessoas que frequentam, a função de cada uma e o tempo em que eles entraram: os mais velhos sempre precedendo os mais novos.

## **2.2 O sincretismo em perspectiva: práticas e rituais religiosos segundo Pai Ronaldo**

As casas de candomblé hoje são conhecidas como templos religiosos, da mesma forma que outras religiões, sendo assim, necessitam regularizar seus horários de funcionamento. Em tempo de festa, geralmente o culto começa as 08:00horas e vai até as 00:00hora e no meio da semana começa as 07:00 horas e vai até as 10:00 horas. Durante as festas realizadas, todos se vestem de branco, são usadas roupas selecionadas, para cada celebração que requer um tipo específico; a comida das cerimônias são totalmente separadas, a comida que é feita para servir ao público quando vai ter uma festa, é uma comida preparada como cotidianamente normal, e a comida dos orixás fica separada num quarto onde são feitas as oferendas, é uma comida tipicamente de santo que se convencionou baiana, caruru, vatapá, acarajé, tudo preparado pelas pessoas da casa, não se pode encomendar em outro lugar porque a casa não pode receber comida que vem de fora, pois pode trazer mal energia para a casa. Cada orixá tem um tipo de comida para receber.

A sexta-feira é o dia mais respeitado da casa, onde não se realiza cerimônia em nenhuma casa, nem sacrifícios de animais, nem usam roupas de cor, também não é permitido o consumo de carne, isso porque é o dia de oxalá, o deus superior de todos os orixás, se faz isso em respeito a ele.

Uma das principais características do candomblé é a oferenda aos orixás. O homem se compromete a “dar de comer” aos deuses e eles, por sua vez, se manifestam através da dança e do transe proporcionando proteção e apoio aos participantes do terreiro. Em épocas de festas sempre tem cerimônias nos finais de semana, mas na casa Y.A.O.F.O é consagrado mais o sábado, assim como a segunda-feira, pois é louvado a jurema e o dia das almas. Neste ponto percebemos o quanto sincrético se tornam as práticas do Sr. Ronaldo, que em sua trajetória já foi umbandista e hoje coordena um terreiro de candomblé. Há também os preceitos da semana santa, pois, segundo *Pai Ronaldo* “Deus é um só, nossos orixás são inferiores a Deus, nós cultuamos nossos orixás, mas nosso Deus é Jesus”. A presença do cristianismo é forte *nesta* casa, porém esta é uma especificidade deste terreiro, não se aplicando a todos, assim não existe só uma assimilação dos orixás aos santos católicos, mas o calendário litúrgico chega de certa forma a completar-se. Porém, no

início, o Cristianismo Europeu não reconhecia os deuses dos Africanos como o mesmo Deus de seus ensinamentos, apesar da Religião Tradicional Africana constar a existência de um Deus Alto Supremo, criador de todas as coisas, o Grande Criador, eles não viam nenhuma semelhança entre o Deus deles e o deus dos africanos, apesar do Deus da Religião Tradicional africana também ser ritualmente e eticamente um Deus Santo. Conhecido principalmente por *Olorun*, ele está associado fortemente com a cor branca, e controla tudo; é o Deus Pai Criador de tudo e de todos.

Durante as cerimônias não é permitido a presença de qualquer pessoa, não se pode deixar os curiosos olharem, pois são fundamentos que estão sendo ensinados e seguidos, são segredos, quem não conhece não pode participar do que não sabe, até porque algumas pessoas chegam de corpo sujo e trazem mal energia para a casa.

### **3. Entrevistas**

#### **3.1 O que nos disseram os membros do centro**

Entre os entrevistados pertencentes ao centro, percebe-se que eles sentem que a religião transformou suas vidas, tornando-as realizadas. A religião tem um sentido positivo, é fonte de força espiritual, onde todos formam uma família partilhando a igualdade, respeito mútuo, boa convivência. A semelhança existente entre os “irmãos” (adeptos da casa) está na busca de um mesmo objetivo, através da convivência mútua. A maioria dos adeptos compartilha um sentimento de que as pessoas fora do grupo têm olhar preconceituoso para com eles, ou seja, os vêem como “macumbeiros”, praticantes de “magia-negra”, “pessoas que praticam todo tipo de mal para os outros”, mas se mostram extremamente passivos em relação a tais comentários, ou seja, convivem com várias pessoas das mais diversas religiões e alguns não se assumem perante eles, apenas se calam. Alguns participantes confirmam que sofrem preconceito quando assumem ser do candomblé. Contudo, os adeptos afirmam que o preconceito não os impedem de prosseguir na fé que professam e também não os faz alimentar o mesmo sentimento em relação a outros grupos ou religiões.

O grau de satisfação em relação à escolha religiosa é positivo, nenhum dos entrevistados deixaria o grupo, nem se destinaria a participar de outra religião. Os mesmos,

através da orientação do babalorixá e do convívio com os irmãos, exercitam as virtudes da paciência, tolerância, amizade, união, comunhão fraterna, harmonia, solidariedade, companheirismo, ou seja, predominam entre eles aspectos familiares. Os motivos que sustentam a permanência de todos são a fé e o amor aos Orixás. Outros ressaltam que, neste grupo, não se sentem excluídos ou menosprezados por causa da orientação sexual, classe econômica, cor da pele ou escolaridade, todos são iguais e compartilham diversas virtudes. Neste ponto da entrevista percebemos que as casa de candomblé continuam realizando o mesmo papel, que desempenhou entre os séculos XIX e XX, de espaço de resistência e auxílio mútuo, além de formar um sentimento de família onde papéis como o pai e mãe são reconstruídos na figura dos orixás incorporados pelos condutores do centro.

### **3.2 O que nos disseram os vizinhos**

Entre os quatorze entrevistados que fazem parte da comunidade e vizinhança do centro, destacamos que 10(dez) são mulheres, com idade entre 19 e 70 anos, a maioria sem religião declarada, todas alfabetizadas, grande parte tendo concluído o Ensino Médio, e quatro com curso superior. Esta formação educacional permite que parte destes entrevistados afirme em suas falas reconhecer o direito legal de liberdade de culto religioso dos praticantes de Candomblé do terreiro *Ylé Axé Oya Funan Ojucinan*, ou seja, respeitar, ao menos, na ora em que são questionados as práticas do centro em sua vizinhança. Isto é fácil de ser encontrado nas entrevistas já que vivemos em uma sociedade que dissemina a falsa ética do politicamente correto, e estas pessoas já percebem que seria algo inconveniente assumir uma postura de “preconceito” declarado diante do outro, ou seja, do diferente.

A falta de conhecimento sobre a religião em estudo gera mitos e medos, as pessoas têm muito medo. Uma fala recorrente nas entrevistas é a de que no momento da instalação do terreiro na rua muitos temiam ser afetados pela “macumba”, o que na realidade demonstra que a maioria não conhecem o significado do termo. Ao mesmo tempo, que desenvolvem este medo do desconhecido, produz curiosidade e até mesmo admiração. Isto é facilmente perceptível na fala da entrevistada (S.S de 39 anos): “*o povo dizia que era bonito, eu achei bonito o povo dançando, mas quando tá se ‘espiritando’ não é comigo não, eu saio até de perto*”. Percebemos que há uma atração e uma beleza exposta nas roupas, na festa, através dos fogos, e nas danças, com seus ritmos que atraem, em especial,

as crianças que ainda não foram doutrinadas em outras religiões e se deixam levar pelos ritmos empolgantes do Candomblé.

Esta mesma entrevistada (S.S de 39 anos) se diz Católica praticante e afirma que a religião afro não seria “coisa de Deus”, o que para um país pretensamente cristão se torna uma afronta. Como ela mesma diz que os juízes permitem o funcionamento na rua em que ela mora, utiliza como justificativa para tanto o incômodo do barulho, em especial, dos fogos, que nos dias de festas chegam a incomodar um “pobre” velhinho doente. Assim justifica em seu discurso sua opinião de colocar os terreiros de uma forma em geral, em áreas fora da cidade. Apesar de suas opiniões contrárias ao terreiro, esta entrevistada foi mais espontânea ao colocar suas opiniões, diferentemente da entrevistada M.J de 51 anos que se relaciona com as pessoas que coordenam o espaço, mas se diz resguardada, pois não “*se mete com eles*”, se agrada dos evangélicos e não desafia o padre. Ou seja, se encontra bem preservada na perspectiva religiosa, tem medo de todos os poderes possíveis. É fato que a convivência com a mãe e os coordenadores do terreiro, desde longas datas faz com que o fator medo direto dos efeitos da “dita Macumba”.

Este também é o caso da entrevistada A.S (28 anos), que tem a opinião de que cada pessoa tem suas preferências e se quem frequenta lá gosta, ela não pode julgar, pois quem está de fora pensa que é errado, até por falta de conhecimento, mas se eles praticam e seguem esta religião é porque deve ter *alguma coisa de boa para eles lá*. Segundo ela o candomblé “*é uma religião perseguida pelas demais que não aceitam seus dogmas, são pessoas desinformadas, que acham que tudo é culto ao demônio, não acredito nisso, mas em toda religião existem pessoas boas e más, e não é a religião quem vai fazer de uma pessoa boa ou ruim.*” Neste caso é interessante perceber que a entrevistada percebe uma relação entre o bem e o mau, mas em seu discurso para ela a visão do mau será percebida quando ela destaca que coisas boas no candomblé deve existir “para eles lá”.

Com relação ao medo que envolve as pessoas que não fazem parte do candomblé, a entrevistada C.R (29 anos) tem a seguinte opinião “*Eu não tenho nenhuma reação contra (as manifestações religiosas), na verdade eu acho que as pessoas ficam um pouco assustadas, quem nunca viu principalmente, tem medo e tal. Uns tem preconceito, outros acham normal, eu acho bonito, eu gosto.*” Percebemos aqui que o fator medo não interfere que a mesma tenha uma admiração pelos ritos e ritmos que envolvem os participantes nos dias de festa. Porém, há uma contradição em sua fala, como ela mesma relata em outra passagem da entrevista “*tenho vontade de participar, mas pra ficar lá só olhando, pra*

*entrar em transe, essas coisas não*”, ou seja, ela pode estar vendo o medo de conhecer e fazer parte da religião apenas nas outras pessoas. O fato de querer estar por perto, poder olhar e admirar as manifestações, mas só de longe, mostra que a entrevistada ainda não está totalmente aberta a essa forma de culto religioso.

Há também as que são abertamente contra ao culto religioso africano, justificando suas falas através de um discurso baseado nas palavras da Bíblia. É o caso da senhora M.V de 59 anos, quando questionada sobre sua opinião sobre o candomblé *“Acho que todas as religiões que não seguem os mandamentos bíblicos que Deus fez errada, pois todos nós temos que cumprir o que tá na bíblia, o que Jesus nos fala, e lá diz claramente que não devemos adorar outro Deus que não seja Jesus. A bíblia fala que a religião certa é aquela que segue os ensinamentos de Jesus.”* Em outra passagem ela ainda diz *“acho uma coisa do diabo, acho que eles servem ao diabo, dizem que entram espíritos neles, essas coisas.”* Ou seja, ela se mostra uma pessoa cuja prática religiosa constrói uma imagem extremamente negativa do candomblé, relacionando seus orixás ao demônio (figura pertencente ao culto católico) que se baseia num discurso preconceituoso e já estabelecido pela sociedade. Geralmente um discurso muito pregado em igrejas cristãs e evangélicas, que são as principais perseguidoras das religiões que não seguem os preceitos cristãos tradicionais.

É o que vemos claramente na entrevistada V.L (49 anos), a qual faz parte da Igreja Universal do Reino de Deus *“pra mim essas manifestações são coisas do diabo, de pessoas que não tem Deus no coração, são pessoas que não percebem que somente Jesus Cristo pode salvar a vida de todo pecador, vão acabar indo para o inferno por terem desprezado tão grande amor que Deus te para nos dar.”* Segundo ela, os participantes do candomblé estão no pecado por não ter Deus no coração e a consequência desse ato será o inferno.

Este modo de interpretar a religião também é compartilhado pela entrevistada A.B (70 anos), evangélica, mora próximo ao terreiro desde antes da sua fundação, segundo ela quando soube que a casa que havia sido comprada e reformada há pouco tempo iria ser um *“centro de macumba”* ela não gostou muito da história não. E chega a generalizar os participantes quando afirma que o candomblé é *“coisa de gente ruim, que não tem Deus”*. A mesma cita uma opinião que até então não tinha sido citado pelos outros entrevistados, a de que o candomblé visa o ganho fácil de dinheiro de seus participantes, para ela *“as pessoas que frequentam esses lugares estão lá para tentar prejudicar alguém e eles lá só*

*visam o dinheiro, fazem tudo em troca de dinheiro, tanto é que ninguém vê esse povo trabalhando, eles vivem dessas coisas, devem ganhar muito dinheiro.*” Ou seja, para ela não há outro propósito no candomblé a não ser fazer o mal aos outros e ganhar dinheiro. No caso do dízimo e das demais atividades desenvolvidas nas igrejas evangélicas, o dinheiro não é desperdiçado, pois estaria voltado para o “Deus” correto. No caso do retorno financeiro voltado para os Centros de Candomblé, a manutenção e sustento do centro e do pai-de-santo, semelhante às demais instituições religiosas, que vive do pagamento e das contribuições pelos trabalhos realizados na intenção dos que pedem auxílio aos orixás.

Entre os entrevistados do sexo masculino, no total de 4 (quatro), idade entre 16 e 28 anos, com escolaridade até o Ensino Médio podemos observar que apesar de não conhecerem a religião eles dizem respeitar e não se incomodar com o barulho nos dias de festas do centro. Alguns expressam opiniões fortes, como no caso do entrevistado E.A (22 anos), para ele cada pessoa tem o direito de fazer o que quiser de sua própria vida, porém como ele já havia lido em uma revista que muitas vezes os líderes destas religiões se aproveitam da fé das pessoas para tirar o dinheiro delas, *“fazendo trabalhos de macumba e tentando manipular a vida das pessoas que vão lá”* ele considera isso uma falta de respeito, pois muitas vezes as pessoas buscam os Centros de Candomblé em busca de algo novo que preencha de forma positiva a vida delas, ou seja, eles não devem atrair as pessoas a participarem dos cultos apenas com a finalidade de ganhar dinheiro em cima da fé alheia. O ambiente deve proporcionar a quem o frequenta alegria e satisfação em fazer parte de um grupo de pessoas que dançam e cantam cultuando seus deuses da sua forma, com seus rituais e ensinamentos.

Há posicionamentos extremos, como no caso do rapaz L.C de 16 anos, que apesar de estar em idade escolar e ter estudado um pouco da história da África no colégio, não considera o Candomblé como uma religião, o que nos faz refletir sobre o tipo de ensino que os jovens do município estão tendo acesso. Sua opinião se baseia primeiramente na comparação com outras religiões onde prevalece o silêncio e um ambiente mais tranquilo se comparado a um centro de candomblé e também *“quando se fala em religião pensamos logo em Deus, e eu não acredito que lá eles falem de Deus”*.

## 4. Conclusão

Com as entrevistas percebemos o quanto há, ainda de desconhecido sobre o Candomblé em nossa sociedade, mesmo fazendo parte da História do Brasil, já que como destacamos anteriormente, trata-se de uma religião formada no Brasil, com bases africanas e Católicas. A cultura local eminentemente cristã classifica as práticas de candomblé como atividades errôneas que em alguns casos tem uma relação direta com o mal (personificado na figura do demônio), para alguns o candomblé tem uma relação direta com a extorsão, onde o pai-de-santo realiza os trabalhos (ou feitiços como muitos colocam nas entrevistas) exclusivamente por interesses financeiros.

Muito além do demônio e dos interesses financeiros se percebe nos discursos apresentados que a falta de conhecimento que se traduz em medo e ao mesmo tempo admiração pela beleza, das roupas e a alegria dos cantos entoados. O mistério faz parte do dia a dia do Candomblé, mas provoca curiosidade e medo nos populares, barulhos, pessoas e ritos diferenciados, que levam os populares a condenar o desconhecido. Grande parte do discurso negativo dos populares são egressos dos entrevistados que possuem religião cristã protestante, apresentam com veemência um Candomblé, vinculado ao mau que deveria ser excluído desta sociedade, pois a sua simples existência prejudicaria os interesses de uma sociedade que quer se “salvar”.

Desta forma, a sociedade e em especial, as instituições de ensino devem se preocupar em divulgar entre a população a perspectiva de uma sociedade diversa e plural com diferentes crenças e práticas religiosas.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. “Histórias dentro da História”. In: **Fontes Históricas**, 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALVES, Naiara Ferraz B. **Irmãos de Cor e de fé. Irmandades negras na Parhyba do século XIX**. 2006 (122 f) Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba.

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 14ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MARIA, Júlio. **A Igreja e a República**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1981.

MOTTA, Roberto. “Antropologia, pensamento, dominação e sincretismo”. In: **Política & Trabalho**. Ano 18 nº18, João Pessoa, 2002.

MOTT, Luiz. “Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NEGRÃO, L.N. “Pluralismo, percurso e multiplicidades”. In: **Urdindo novas tramas: trajetórias do sagrado**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 2008.

ORTIZ, Renato. **A morte branca de um feiticheiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. 6ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6ªed. São Paulo: Ed. Nacional, Universidade de Brasília, 1982.

VAINFAS, Ronaldo. “História das Mentalidades e História Cultural” In; CARDOSO, Ciro Flamarion VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

## **ARTIGOS**

SILVEIRA, Renato da. “Do Calundu ao Candomblé” In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Fé na África**. Religiões afro-brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1/ nº6/ Dezembro 2005.

REIS, João José. “Bahia de todas as Áfricas”. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Fé na África**. Religiões afro-brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1/ nº6/ Dezembro 2005.

MAGGIE, Yvone. “O arsenal da macumba”. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Fé na África**. Religiões afro-brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1/ nº6/ Dezembro 2005.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS

STRIEDER, Inácio. Religiosidade em Gilberto Freyre. Em: [http://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf18\\_artigo60001.pdf](http://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf18_artigo60001.pdf). Acesso em: 09 de julho de 2012.

O QUE É HISTÓRIA ORAL. Disponível em <[http:// www.cpdoc.fgv.br/comum/htm](http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm).> Acesso em 29 de agosto. 2012.

## DOCUMENTOS

### Entrevistas

1. RONALDO GOMES, 39 anos, entrevistado no dia 20/05/2012
2. M.L, 45 anos, entrevistada no dia 15/04/2012
3. S.S, 39 anos, entrevistada no dia 15/04/2012
4. J.M, 28 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
5. M.J, 51 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
6. C.R, 29 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
7. A.S, 19 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
8. M.V, 59 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
9. V.L, 49 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
10. E.A, 22 anos, entrevistada no dia 22/04/2012
11. A.S, 28 anos, entrevistada no dia 22/04/2012

12. A.B, 70 anos, entrevistada no dia 29/04/2012
13. L.C, 16 anos, entrevistada no dia 29/04/2012
14. L.S, 27 anos, entrevistada no dia 06/05/2012
15. J.B, 59 anos, entrevistada no dia 06/05/2012